

Radio KAOS: Crítica Social e Extensão do Homem¹

Ciro Augusto Francisconi Götz²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

Em 1987, Roger Waters, ex-baixista e um dos fundadores da banda britânica de rock progressivo Pink Floyd, lançou o disco Radio KAOS. Na obra, Waters contesta o comportamento humano através da história de Billy, um garoto com deficiências físicas e mentais que possui o poder de receber ondas de rádio diretamente no cérebro. Este artigo testará as hipóteses de Waters, levando em consideração argumentos de autores que possam fortalecer ou não a visão do músico em relação à comunicação.

Palavras-Chave

Roger Waters; Comunicação; Rádio; Teoria do Meio; Escola de Frankfurt.

1 Introdução

Conta Barthes que “o mundo inteiro pode ser plastificado, e mesmo a própria vida, visto que, ao que parece, já se começaram a fabricar aortas de plástico” (BARTHES, 1980, p. 113). A frase destacada de Barthes, que compõe o texto “O plástico”, integrante de uma série de outros, na obra *Mitologias*, onde o autor francês busca desmistificar o mito, através de um estudo semiológico, pode ter amplas utilidades e entendimentos. A frase em questão, e que abre este estudo, o qual será devidamente apresentado em seguida, quer discutir, pensar, ilustrar, enfim, tentar responder a questões do tipo: Qual o preço do avanço das tecnologias? Barthes discorre sobre o uso da tecnologia, levando em consideração o legado material e social oferecido pelo plástico. Avaliando de forma ainda mais profunda, o texto do teórico subentende uma produção em larga escala e, por consequência, o alto faturamento de classes dominantes. Neil Postman (1994, p. 21) vai além e pergunta: A quem a tecnologia dará maior poder e liberdade?

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação Social pela PUC-RS e bolsista integral (FAPERGS).

Este artigo dará continuidade a uma série de estudos³ que busca entender como a cultura percebe a influência das tecnologias na sociedade, especificamente através da obra conceitual de Roger Waters⁴, ex-baixista e um dos fundadores da banda de *rock progressivo*⁵ britânica, Pink Floyd⁶.

No verão de 1987 Waters lançou o álbum Radio KAOS⁷, o terceiro disco solo de sua carreira. Conforme Ferri [s. d], Radio KAOS foi “dedicado a todos os que vivem no violento fim do monetarismo”. Ao longo de sua carreira, Roger Waters foi desenvolvendo uma poesia cada vez mais *dura*, principalmente em relação à indústria fonográfica. De acordo com Weinstein (2010, p. 104), “os críticos veem Roger Waters como um pessimista depressivo, em especial por causa de sua visão da existência e de sua compreensão da função do *rock* contrária à sua própria”. O conceito crítico do músico se desenvolveu, principalmente, em torno de temáticas como a violência, as limitações de liberdades individuais e a desumanização do homem no confronto contra o *establishment*⁸ (FERRI, [s. d]). Weinstein (2010) vai ainda mais longe e compara Waters ao filósofo existencialista francês Albert Camus⁹. Portanto, é compreensível tal comparação ou, pelo menos, alguma relação com Camus. Justamente o que o músico buscou em suas obras foi a possibilidade de compreender a existência¹⁰. Em Radio KAOS, Roger Waters pensa a complexidade do mundo através de um meio de comunicação de massa que causou grande impacto na sociedade. É através do rádio que Waters cria uma história na qual Billy, um deficiente físico e mental, descobre que

³ O primeiro estudo foi realizado em 2007, com a monografia de graduação em Jornalismo, pela Unisinos, intitulada: “A revolução dos bichos”, segundo Pink Floyd. Em 2014, este proponente realizou novo estudo, analisando o álbum solo de Roger Waters Amused to death, lançado em 1992.

⁴ George Roger Waters nasceu em Cambridge, em 9 de setembro de 1944. Tinha dois irmãos e frequentou o High School For Boys. Como músico, sua primeira apresentação em público foi em *show* ao ar livre em Cambridge no começo dos anos 1960, para arrecadar fundos para a Campanha do Desarmamento Nuclear. Mais tarde frequentou o Regent Street Polytechnic.

⁵ O *rock* progressivo é um estilo musical que teve seu nascimento na Inglaterra, no final da década de 1960, quando bandas de *rock* psicodélico começaram a combinar o *rock and roll* tradicional e instrumentos próprios da música clássica e ocidental.

⁶ O nome Pink Floyd foi sugestão de Syd Barrett, primeiro vocalista e guitarrista do grupo. Syd teria sonhado com o termo, que é uma junção de dois *bluesmen* americanos: Pink Anderson e Floyd Council.

⁷ Todas as faixas foram compostas por Waters: Radio Waves (4:58), Who Needs Information (5:55), Me or Him (5:23), The Powers That Be (4:36), Sunset Strip (4:45), Home (6:00), Four Minutes (4:00) e The Tide Is Turning (After Live Aid) (5:43).

⁸ Ordem ideológica, econômica e política que constitui uma sociedade ou um Estado.

⁹ Escritor, romancista, ensaísta, dramaturgo e filósofo francês, nascido na Argélia. Foi também jornalista militante, engajado na Resistência Francesa e nas discussões morais do pós-guerra.

¹⁰ Eric Fletcher Waters, pai de Roger Waters, faleceu na Segunda guerra mundial. Roger Waters é oriundo de uma geração de crianças nascidas no período do conflito.

tem poderes especiais. Billy possui a capacidade de receber ondas de rádio em seu cérebro e, com um telefone sem fio, pode controlar qualquer tipo de tecnologia, inclusive os computadores mais avançados. *Radio KAOS*, no contexto imaginativo da história, é a sigla de uma emissora alternativa de *rock*, com sede em Sunset Street¹¹, Los Angeles. Billy entra em contato com essa emissora através do poder da mente e cria um laço de amizade com o DJ Jim, um radialista inconformado com o mercado midiático americano. O que Waters pretende, na verdade, é discutir a condição humana através de uma reconfiguração irônica por intermédio da música. Waters denuncia, dessa forma, o descompromisso das mídias com a sociedade. O impacto das mídias, das tecnologias e seu descontentamento com o cenário político mundial dos anos 1980, permeiam todo o álbum.

Este artigo analisará a obra de Waters no aspecto do rádio, levando em consideração as teorias de Marshall McLuhan sobre os Meios de comunicação como extensões do homem (1964), entre contribuições da Escola de Frankfurt, da qual, conforme Rüdiger (2014, p.144), alguns críticos mais lúcidos “estão percebendo que muitas das teses valem muito mais hoje em dia do que no tempo que em foram formuladas”. Os métodos para este estudo serão fundamentados nas técnicas de pesquisa bibliográfica e análise de discurso. A primeira etapa apresentará, de forma objetiva, algumas passagens da trajetória de Waters e do álbum que despertou o interesse deste proponente para pensar. Este artigo testará as hipóteses contidas nas letras de duas composições de Radio KAOS, com argumentos de autores que possam *debater* com Waters.

2 O eclipse de Roger Waters

*Dark side of the moon*¹² é o título daquele que é considerado o disco mais importante do Pink Floyd. Foi com essa obra que o grupo inglês, originário de Cambridge¹³, no final dos anos 1960, chegou ao chamado topo das paradas de sucesso. Com o lançamento de álbum, em março de 1973, a banda inaugurou sua proposta de crítica social. Mas antes de

¹¹ Sunset Boulevard é uma famosa rua, localizada na parte ocidental do Condado de Los Angeles.

¹² The *Dark side of the moon* foi o oitavo álbum de estúdio, lançado em 24 de março de 1973. Contém alguns dos mais complicados usos dos instrumentos e efeitos sonoros existentes na época. Os temas explorados na obra são variados e pessoais, incluindo cobiça, doença mental e envelhecimento, inspirados principalmente pela saída de Syd Barrett, integrante que deixou o grupo em 1968, depois que sua saúde mental se deteriorou. Mais de cinquenta milhões de cópias foram comercializadas mundialmente. Ao todo, o disco, lançado em 1973, ficou 800 semanas na parada americana, o equivalente a aproximadamente 15 anos entre os mais vendidos nos Estados Unidos.

¹³ Sede do condado de Cambridgeshire. Situa-se a aproximadamente 80 quilômetros de Londres, Inglaterra.

Dark Side, o Pink Floyd viveu, conforme Ferri [s. d.] sob a sombra de Syd Barrett¹⁴, fundador, ex-vocalista e guitarrista. O único disco que contou efetivamente com a participação de Syd Barrett foi *The Piper At the Gates of Dawn*, lançado em 1967. Com David Gilmour na guitarra, e dividindo os vocais com o baixista Roger Waters, o Pink Floyd, com Richard Wright¹⁵ nos teclados e, eventualmente nos vocais, e ainda Nick Mason¹⁶ na bateria, teria, nos próximos anos, a sua formação considerada, atualmente, como a mais clássica de todas entre os fãs. Gilmour, Waters, Wright e Mason passaram a escrever várias composições que deram origem a outros álbuns tais, como: *Ummagumma* (1969), *More* (1969), *Atom heart mother* (1970), *Meddle* (1971) e *Obscured by clouds* (1972). Com o passar dos anos, a poesia de Roger Waters foi *efetivado* como o principal letrista da banda. As mesmas temáticas sobre a condição humana exploradas no famoso *disco do prisma*¹⁷ foram se tornado cada vez mais profundas nos álbuns seguintes: *Wish you were here* (1975), *Animals* (1977), *The wall* (1979) e *The final cut* (1983). Por causa de desavenças, o grupo se separou, em 1984, e uma longa fase de disputas judiciais pelos direitos do nome da banda rompeu a década de 1980. Roger Waters acabou perdendo para o guitarrista David Gilmour¹⁸ a guarda do *name rights*¹⁹. Em

¹⁴ Roger Keith (Syd) Barrett nasceu em Cambridge, em 6 de janeiro de 1946. Teve dois irmãos e uma irmã. Frequentou a Cambridge High School For Boys, mas não chegou a estudar ao lado de Roger Waters. Tomou lições de guitarra de David Gilmour. Em Londres, dividiu apartamento com Roger Waters. Ao lado de Waters, Richard Wright e Nick Mason, formou o Pink Floyd em 1965. Em função do abuso de drogas, deixou o grupo, em 1968 e David Gilmour assumiu seu posto. Lançou dois discos solos *The Madcap Laughs* (1970) e *Barrett* (1970), mas se afastou totalmente da música e se dedicou à pintura. Devido ao abuso de entorpecentes, Barrett acabou substituído por David Gilmour, no final dos anos 60. Syd Barrett ainda participou de algumas faixas do LP *A Saucerful of Secrets*, de 1968, mas essa seria sua última atividade com o grupo. Faleceu em 7 de julho de 2006, aos 60 anos. Por sua condição mental, se tornou tema de grande parte da obra do Pink Floyd após sua saída da banda.

¹⁵ Richard William Wright nasceu em Londres, em 28 de julho de 1945. Sua família era de origem abastada. Teve duas irmãs e sempre estudou em colégios particulares. Conheceu Roger Waters aos 17 anos e aprendeu a tocar piano praticamente sozinho. Seu auge foi no disco *The dark side of the moon* e, logo após a turnê *The Wall*, em 1981, foi *demitido* da banda e readmitido por David Gilmour em 1987 para as gravações de *A momentary lapse of reason*, primeiro disco do Pink Floyd sem a presença de Waters. Wright faleceu devido a um câncer, em 15 de setembro de 2008.

¹⁶ Nicholas Berkeley Mason nasceu em Birmingham, em 27 de janeiro de 1944. Foi o único a participar de todas as formações do Pink Floyd. Na Universidade de Westminster, conheceu Roger Waters, Bob Klose e Richard Wright, que formaram o Sigma 6, o embrião do Pink Floyd. Nick Mason é originário de uma família abastada. Atualmente uma de suas paixões é o automobilismo.

¹⁷ A capa de *The dark side of the moon* é uma das mais conhecidas do mundo da música. Foi concebida pelo *designer* gráfico inglês Storm Thorgerson. O prisma se encontra centralizado em um fundo negro. De um lado recebe um feixe de luz, refletindo em cores posteriormente. Teria vários significados críticos sobre poder e ambição, condições humanas exploradas por Waters.

¹⁸ David Jon Gilmour é natural de Cambridge, de 6 de março de 1946. Começou a tocar muito cedo. Morou em Paris durante dois anos e, de volta a Cambridge, formou seu primeiro grupo em meados dos anos 1960: *The Jokers Wild*. Gilmour conhecia Roger Waters, Richard Wright, Nick Mason e Syd Barrett. Com a saída de Barrett, em 1968, Gilmour assumiu as guitarras e dividiu os vocais com Waters e Wright, a partir do disco *A saucerful of secrets*. Notabilizou-se como compositor, principalmente instrumental, mas com participação vocal intensa. Tornou-se líder da banda ao lado de Waters e, com a saída do baixista, tomou o comando do grupo. Em 1987, lançou com o Pink Floyd o LP *A momentary lapse of reason* e, em 1994, o último disco de estúdio intitulado *The division bell*, em 1994.

julho de 2005, porém, Waters e Gilmour se reaproximaram e a banda subiu com sua formação clássica, após 20 anos, no palco do evento *Live 8*²⁰, organizado pelo músico Bob Geldof²¹.

3 A sintonia de uma nova estação

Apesar de ter sido lançado apenas em 1987, o embrião de Radio KAOS, pode-se assim dizer, surgiu em 1979, na fase de maior produção criativa de Waters. Na época, conforme relata o *Fã Clube Internacional do Músico* (2014), no final dos anos 70 Waters conheceu o radialista da KMET Jim Ladd²². Ladd tinha interesse em realizar um documentário especial sobre o álbum *The Wall*. Após algumas conversas, criou-se um laço de amizade entre ambos:

Jim Ladd foi a inspiração que trouxe alguma luz à visão sombria da vida em LA. Waters se tornou cada vez mais interessado na situação de Ladd, com sua estação de rádio KMET e sua eventual demissão. A direção da emissora pretendia alterar o formato de programação em busca de um mercado de lucros. Em 1985, Waters escreveu uma canção chamada *Get Back To Radio*, que parecia provir, em parte, das experiências de Ladd, misturadas às próprias memórias de infância, onde Waters lembra de ouvir rádio em Luxemburgo à noite, quando criança. (*Fã Clube Internacional do Roger Waters*, 2014).

Essas experiências, aliadas a uma série de fatos violentos ocorridos durante os anos 1980, principalmente vividos na Inglaterra, durante a liderança de Margaret Thatcher²³, foram alguns dos fatores que permitiram a elaboração de um conceito que viria se transformar

¹⁹ É o direito sobre a propriedade de nomes.

²⁰ O Live 8 foi uma série de *shows* que ocorreram nos dias 2 e 6 de julho de 2005, nos países integrantes do G8 e África do Sul. O evento aconteceu antes do 31º encontro do G8 em julho de 2005; coincidindo também com o 20º aniversário do Live Aid. Em paralelo à campanha Make Poverty History, que ocorreu no Reino Unido, o show teve como ideia principal pressionar os líderes mundiais para perdoar a dívida externa das nações mais pobres do mundo, além de aumentar e melhorar a ajuda e negociar regras de comércio mais justas, que respeitem os interesses das nações africanas.

²¹ Cantor irlandês do grupo Boomtown Rats, responsável por promover os mega eventos Live Aid (1985) e Live 8 (2005), com a intenção de chamar a atenção da sociedade e dos governos para as questões sociais. Em 1981, estreou o personagem Pink no filme *Pink floyd the wall*, dirigido pelo diretor Alan Parker.

²² Jim Ladd (nascido em 17 de janeiro de 1948), é um *disc jockey* americano, produtor de rádio e escritor, e um dos poucos remanescentes da forma livre DJs de *rock* em rádios comerciais dos Estados Unidos.

²³ Os primeiros cinco anos do primeiro mandato de Margareth Thatcher foram bastante conturbados, por sua política anticomunista. O primeiro governo de Thatcher ficou marcado por diversas greves e manifestações dos sindicatos trabalhistas. Mas sua intervenção nas Guerras das Malvinas (guerra entre Inglaterra e Argentina), em 1982, aumentou sua popularidade. Thatcher conseguiu sua primeira reeleição em 1984, em decorrência desse fato. No final da década de 1980, Margareth Thatcher continuava seu governo de forma rígida e inflexível. Conseguiu controlar a inflação e acelerou a valorização da moeda inglesa, porém não conseguiu baixar a taxa de desemprego. Fonte: Brasil Escola.

em disco. Waters critica a postura de muitos representantes políticos da época, como o então presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan²⁴ que, segundo ele, gastava tempo entretendo o público apenas na busca de popularidade e votos. O entretenimento sensacionalista, conforme Waters, priorizava a política externa de guerra na mídia, em formato de *estado de novela*²⁵, simplesmente para tirar do foco das crises sociais internas. Radio KAOS, assim como em The wall, possui muitos traços autobiográficos de Waters.

O álbum levou apenas três meses para ser gravado e foi desenvolvido a partir de 16 canções demo, ao longo de 1986. O disco foi finalizado com oito faixas. Após a veiculação na mídia, Roger Waters recebeu muitas críticas. O próprio Waters, mais tarde, mostrou-se um tanto insatisfeito com os resultados²⁶.

Após a apresentação de um objetivo levantamento biográfico da trajetória do músico Roger Waters, será promovida uma avaliação crítica do conteúdo das letras de duas composições de Radio KAOS, consideradas pontos chave por este proponente: “Radio Waves” e “Four Minutes”. O estudo será realizado através do método de análise de discurso, apropriando-se de conceitos das teorias do Meio, de McLuhan, e da Escola de Frankfurt, sendo a primeira no viés da tecnologia e, a segunda, da cultura. Antes, ainda, este artigo apresentará um resumo da história elaborada por Roger Waters, em formato conceitual, que foi divulgado em material visual pela gravadora CBS²⁷, durante o processo de divulgação do disco.

4 A história de um garoto especial

Após o lançamento de Rádio Kaos em formato LP (disco de vinil) e K7 (fita) em várias partes do mundo, no ano de 1987, a equipe de *marketing* responsável pela

²⁴ Reagan, além de contribuir para o crescimento econômico americano, promove a corrida armamentista, que acaba reacendendo a Guerra Fria entre USA e URSS. O grande investimento em pesquisas viabilizou a criação da bomba de nêutrons, arma com maior emissão de calor e energia radioativa e menor emissão de força de choque; construção de ônibus espaciais, e até um possível escudo espacial antimísseis nucleares (Iniciativa de Defesa Estratégica), mas que, devido ao alto custo, e à opinião pública internacional acabou sendo abandonado.

²⁵ Traduzido do termo em inglês: *soup opera*, gênero de obras de ficção dramática ou cômica difundido pela televisão em séries compostas por episódios transmitidos regularmente.

²⁶ Na época, a ideia era ter contado com a presença de Bob Ezrin, que produziu com Waters e Gilmour o álbum The wall, em 1979. Porém, Ezrin decidiu trabalhar com David Gilmour no disco A Momentary lapse of reason, justamente em 1987. Foi o primeiro disco do Pink Floyd, sem a presença de Waters. O próprio Waters tratou de desqualificar o álbum comandado por Gilmour e, de fato, nunca reconheceu os trabalhos posteriores como legítimos do Pink Floyd, apesar de, como já foi ressaltado, ter reatado laços com seus antigos companheiros. Ezrin atingiu a fama ao produzir álbuns de Alice Cooper, e a partir daí de Lou Reed, Pink Floyd, Nine Inch Nails, Peter Gabriel, Kiss, Jane's Addiction e 30 Seconds to Mars.

²⁷ Comprada pela Sony, em 1987, passou a ser chamada de Sony Music Entertainment.

divulgação do álbum realizou outras atividades promocionais. Além da turnê propriamente dita, e a comercialização de *singles*, a gravadora CBS produziu um vídeo²⁸ com duração de cerca de 20 minutos. Foi, na verdade, um programa construído para a televisão. O vídeo apresenta clipes de algumas das canções, as quais foram *teatralizadas* de acordo com a história. O quadro 1 apresenta, com auxílio do Fã Clube Internacional do Roger Waters²⁹, a tradução deste resumo, que servirá como embasamento para a análise seguinte do conteúdo literário proposto metodologicamente.

Quadro 1 - Radio KAOS – Roger Waters – 1987

Seqüência dos fatos - Radio K.A.O.S – Roger Waters

Radio KAOS conta a história dos gêmeos galeses Benny e Billy. Benny é um mineiro de carvão. Radioamador, ele tem 23 anos e é casado com Molly e ambos possuem o jovem Ben, de 4. Em breve, o casal terá um novo filho. Além disso, eles cuidam do irmão gêmeo de Benny, Billy, que é, aparentemente, um vegetal. A mina está fechada pelas forças de mercado. A vila onde moram está morrendo. Certa noite, Benny leva Billy a um *pub crawl*³⁰. Bêbado, em um *shopping center* bem iluminado, Benny descarrega sua raiva em frente a uma vitrine cheia de múltiplas imagens de TV, com o rosto de Margaret Thatcher. Ele quebra a vidraça e rouba um telefone sem fio. Mais tarde, naquela mesma noite, Benny observa um protesto *teatral* frente à imprensa *sensacionalista*, escorado no parapeito de uma ponte da autoestrada. Um motorista de táxi é morto por um bloco de concreto que cai de uma ponte similar. A polícia, então, interroga Benny. Ele esconde o telefone sem fio roubado sob a almofada da cadeira de rodas de Billy. Billy é diferente. Ele pode receber ondas de rádio diretamente em seu cérebro, sem o auxílio de um sintonizador. Ele explora o telefone sem fio. Benny é enviado para a prisão. Billy sente como se metade dele tivesse sido cortada. Ele sente falta das conversas noturnas de Benny com radioamadores de terras estrangeiras. Molly, incapaz de lidar com a situação, envia Billy para ficar com seu tio David, que havia emigrado para os EUA durante a Segunda Guerra. Billy gosta do tio David, mas sente muitas dificuldades em se adaptar à luz do sol de Los Angeles.

Tio David, agora um homem velho, é assombrado por ter trabalhado no projeto Manhattan, durante a Segunda Guerra Mundial, projetando a bomba atômica, e busca se redimir. Ele também é um radioamador. Muitas vezes ele fala com outros radioamadores sobre as *Black Hills*³¹ de sua juventude, sobre sua antiga casa. Ele está triste com o uso das telecomunicações para banalizar questões importantes; a *novela* de Estado. Billy ouve todas as conversas do tio. Billy então aprende a fazer chamadas telefônicas. Ele passa a acessar computadores e sintetizadores de voz e aprende a falar. Billy

²⁸ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=qWVVwd6qVGY>.

²⁹ Acessar: <http://www.rogerwaters.org/main.html>

³⁰ Típico bar galês, também popular na Grã-Bretanha.

³¹ Black Hills são um conjunto de montanhas do País de Gales.

faz contato com Jim, um DJ da Rádio KAOS, uma estação de *rock* renegado, que luta sob uma ação de retaguarda solitária contra o formato de rádio americano. Billy e Jim se tornam amigos, enquanto Reagan e Thatcher lançam bombas na Líbia. Billy percebe isso como um ato de políticos de *entretenimento*, como fogos de artifício para chamar a atenção para outros problemas e esconder os de *casa*.

Billy desenvolve a sua experiência com o telefone sem fio para o ponto onde ele pode agora controlar os computadores mais poderosos do mundo. Ele planeja um *entretenimento* de sua autoria. Billy simula ataques nucleares em toda parte, mas desativa a capacidade militar dos poderes *constituídos* para retaliar. O mundo muda, e as percepções mudam. Pânico, comédia, compaixão. Em um *bunker*, um soldado com uma gravata branca tecla para iniciar o contra-ataque. Nada acontece. Impotente, ele chuta o console, machucando seu pé. Ele observa os *blips*³² se aproximando na tela do radar. Com a aproximação do impacto, ele pensa em sua esposa e filhos, e coloca os dedos em seus ouvidos.

Silêncio. *Black out*. Luzes apagadas. Não aconteceu, ainda estamos vivos. Billy drenou a terra do poder de sua ilusão. Por todo o lado escuro da Terra, velas são acesas. No pub na vila de Billy, no País de Gales, um homem começa a cantar. Os demais homens participam. A maré está virando. Billy está em casa.

Fonte: Roger Waters e CBS

4.1 Radio Waves

“Radio waves” é a faixa que abre Radio KAOS. A composição inicia com um diálogo entre do DJ Jim e Billy, que representa o momento em que o garoto, já tendo compreendido seus poderes, apresenta-se ao seu novo amigo através de uma voz sintetizada. Waters, por sua vez, promove uma repetição de frases melódicas se referindo às “ondas de rádio que estão se espalhando pelo ar”, isto é, enviando suas mensagens. Sob o ponto de vista de Marshall McLuhan (1964), o poder que o rádio tem de envolver as pessoas é profundo. Na *confusa* definição de meios frios/quentes, de acordo com Souza (2009), McLuhan classificou o rádio como um meio quente, isto é, um meio em alta definição que permite a atenção de apenas um sentido, no caso da audição. Um meio frio seria a TV, por exemplo, que, para o teórico, permite que outros sentidos do corpo humano sejam ativados e por isso têm uma definição baixa em relação ao rádio. Conforme Roger Waters, as ondas de rádio estão em todos os lugares carregando uma porção de sentidos (WATERS, 1987):

[...] ondas de rádio, ondas de rádio, ele ouve ondas de rádio;
Ondas de rádio, ondas de rádio, esperançosas ondas de rádio;
Ondas de rádio cheias de dopagem;
Ondas de rádio russas, ondas de rádio prussicas;

³² Sinais eletrônicos indicativos de mísseis captados por radares.

Ondas de rádio oriental, ondas de rádio ocidental;
Testando ondas de rádio, um, dois, um, dois;
Ondas de rádio, chegando até você;
Ondas de rádio código morse, ondas estrada de tabaco;
Sul até Paloma ondas de rádio;
Oklahoma City ondas de rádio;
Ondas de rádio paradinhas, ondas de rádio fatos básicos;
Ondas de rádio [...]

Ainda não foi comprovado cientificamente que uma pessoa possa se comunicar com outra através de telepatia, apesar de já existirem tecnologias que possibilitem captar sinais elétricos do cérebro humano, decodificando-os e convertendo-os em códigos funcionais³³. Ainda é impensável uma habilidade como de Billy, que desenvolveu um poder quase metafísico e orgânico de controlar os meios com a própria mente. Porém, pelo viés de aldeia, profetizado por McLuhan (1964) e, com o desenvolvimento da tecnologia do ciberespaço, é possível, no mínimo, fazer uma relação de extensão do sistema nervoso de forma a potencializar os sentidos humanos. O personagem Billy não está deixando de estender de alguma forma o seu sistema neural, algo que foi imaginado por McLuhan. Sousa (2009, p. 53) destaca exatamente a ideia de expansão:

Os meios de comunicação multiplicam a energia e a velocidade do sistema físico e nervoso e, conseqüentemente, interferem na nossa forma de ver e perceber o mundo. Conseguimos, assim, mudar nossa percepção espaço-temporal. [...] Quando surge um novo meio de comunicação numa determinada sociedade, um sentido ou vários são imediatamente prolongados; como exemplo, a escrita estendeu a visão; e o rádio, o ouvido.

Analisar a imaginação de Roger Waters, portanto, não se torna algo assim tão extraordinário e até mesmo impossível. O próprio Marshall McLuhan (1964, p. 85) defende que o artista é o único que consegue perceber as implicações de suas ações, apesar de que essa ideia é, conforme Souza (2009), um tanto controversa, em função da falta de provas empíricas para sustentar tal afirmação. Mas McLuhan entende que o artista é o homem da consciência integral. McLuhan (1964) afirma que “o artista pode corrigir as relações entre os sentidos antes que o golpe da nova tecnologia adormeça os procedimentos conscientes. Pode corrigi-los antes que manifestem o entorpecimento, o tateio subliminar e a reação”. McLuhan

³³ Durante a Copa do Mundo de Futebol no Brasil, realizada em 2014, um voluntário e Juliano Pinto, 29 anos, que tem paraplegia completa de tronco inferior e membros inferiores, usou um exoesqueleto, veste robótica, que lhe permitiu andar e ter as sensações do caminhar e, inclusive, chutar uma bola. A tecnologia foi desenvolvida pelo neurocientista brasileiro Miguel Nicolelis, e apresentada antes da partida de abertura da Copa entre Brasil e Croácia, na Arena Corinthians, no dia 12 de junho.

(1964) exemplifica o caso do rádio pelo *case* do nazismo e o discurso de Hitler, em março de 1936, em Munique. Nesse caso, a relação que Mcluhan quer fazer é com a questão tempo, pois conforme ele, o rádio tem o poder de envolver todas as pessoas por igual. É exatamente as que Roger Waters refere-se, nos trechos iniciais de “Radio Waves” e que o personagem Billy percebe durante a história. A crítica de Waters não se refere ao meio, mas vai além da ênfase de Mcluhan, para um caráter ideológico. A tecnologia, muitas vezes, é vista com receio e é desacreditada. Geralmente, o uso das tecnologias raramente respeita os valores dos inventores. Neil Postman (1994) diz que as ferramentas atacam a cultura. É este o ponto central da preocupação de Waters com o uso dos meios de comunicação, e é essa a preocupação que teóricos da Escola de Frankfurt também desenvolveram. O discurso de Hitler serviu como exemplo para Mcluhan ilustrar o envolvimento provocado pelo rádio, naquilo que ele metafóricamente chama de *magia tribal*. Mcluhan explica (1964, p. 337):

As profundidades subliminares do rádio estão carregadas daqueles ecos ressoantes de trombetas tribais e dos tambores antigos. Isto é inerente à própria natureza deste meio, com seu poder de transformar a psiquê e a sociedade numa única câmara de eco.

O rádio, no período de dominação nazista, na Alemanha, serviu como um meio de divulgação completamente útil para difundir o regime e a palavra de Adolf Hitler, assim como no fascismo. Este é o medo constante de Roger Waters, receio de que, de alguma forma, ideais antidemocráticos sejam difundidos e passivamente aceitos em diferentes meios como a internet, por exemplo. A irritação de Waters com a indústria fonográfica se estendeu ao público. Foi justamente um *show* do Pink Floyd, em Montreal, no Canadá, em 1977, que influenciou na elaboração do álbum *The wall*. Frustrado com a postura passiva do público que lotava o estádio Olímpico, Waters concluiu que a plateia estava mais interessada em saudar as celebridades do que compreender o teor das músicas que estavam sendo executadas. Waters não conseguiu se sentir conectado com o público. São esses motivos que permearam a mente de Waters e que, em *Radio KAOS*, foram reproduzidos no sentimento reacionário do DJ Jim e no garoto Billy. De acordo com Rüdiger (2014, p.145), boa parte das ideias da Escola de Frankfurt foram tratadas com vistas grossas. Mas, no contexto crítico de Roger Waters, boa parte das teorias de pensadores como Adorno, Horkheimer, Benjamin e Marcuse recuperaram terreno e se revalidaram. O já citado e exemplificado Hitler, por Mcluhan, transformou-se em objeto para pensar a Indústria Cultural, termo cunhado pela própria escola. Os fenômenos de mídia e a cultura de mercado são temas completamente atuais. Por outro lado, a obra Dialética

do iluminismo mostra como Adorno e Horckheimer se deram conta de que as tendências totalitárias não estão restritas apenas aos regimes ditatoriais propriamente ditos. Roger Waters também percebeu essa tendência cheia de contradições na economia, na política e nas relações humanas.

4.2 Four Minutes

Roger Waters ironiza o estilo de vida americano a todo o momento durante a execução de “Radio waves”. O garoto Billy, com o passar do tempo, foi ficando cada vez mais poderoso. Apesar de gostar do seu tio David, Billy tinha saudades de sua vila, no País de Gales e, principalmente, do irmão Benny. Billy estava cansado de brincar com o cachorro, do sol forte de Los Angeles e de escolher entre peixe, camarão ou truta, todos os dias, nas refeições. Billy queria voltar para casa, queria rever os prados galeses e ouvir o coro masculino de sua vila. O sentimento de Billy era compartilhado da mesma forma pelo tio David, que, a exemplo de Benny (que continuava preso), também era radioamador e eventualmente se comunicava com seus velhos *conhecidos*. Roger Waters aborda outro conceito tecnológico que Castells (2009) denomina de *nós*, isto é, agentes integrantes de uma rede unitária. A globalização, em 1987, ainda não tinha, nem de perto, a dinâmica que atualmente caracteriza uma série de novas tecnologias. McLuhan, como já abordado, também apresentou uma ideia de unidade global em sua teoria do meio. E de acordo com Souza (2009, p. 58), McLuhan chega a ser fatalista, considerando que o homem projeta para fora de si o próprio sistema nervoso. Billy seria o primeiro exemplo de êxito nesse sentido, pois, no caso do garoto, justamente trataria-se de uma extensão orgânica em jogo. “Four minutes” é a penúltima composição de Radio KAOS, e apresenta um Billy frustrado com o mau uso das mídias, principalmente pelos governos, apoiados por uma imprensa sensacionalista. Billy tinha evoluído tanto que controlava desde os *super* computadores militares, até os mais simples sinais de trânsito. Em contato com seu amigo Jim, ao vivo, na *Radio KAOS*, Billy simulou uma contagem regressiva que seria fatal para a história da raça humana (WATERS, 1987):

Billy: Quatro minutos e contando
Jim: OK
Billy: Eles apertaram o botão, Jim
Jim: Eles apertaram o botão Billy, que botão?
Billy: O grande botão vermelho

Jim: Você quer dizer o botão?

Billy: Adeus, Jim.

Jim: Adeus! Ah, sim, este não é até a vista, é adeus! Há!há!

Jim: Esta é Kaos. É um lindo dia suave de verão no sul da Califórnia. Faz 26 graus...eu disse suave.... eu deveria dizer *bombardeante*... OK eu sou o Jim e esta é a Radio KAOS e com somente quatro minutos sobrando, vamos usá-los da forma mais sábia possível.

Em princípio, o próprio Jim não acreditou em Billy. Mas começaram a chegar informações de vários cantos do planeta, afirmando que radares de diversos pontos captavam mísseis e os impactos seriam iminentes. Em questão de pouco tempo, o mundo ficou apreensivo com o que aquilo poderia representar uma Terceira guerra mundial, nuclear. O exemplo de Orson Welles, utilizado por McLuhan, para exemplificar a potência de influência do rádio, é perfeita para compreender a crítica de Roger Waters, com a simulação provocada por Billy. A mensagem de ressonância é tão forte, que se torna violenta. Para McLuhan (1964, p. 339), os meios, incluindo o rádio, possuem o que ele denomina de *manto de invisibilidade*:

Manifesta-se a nós ostensivamente numa franqueza íntima e particular de pessoa a pessoa, embora seja real e primeiramente, uma câmara de eco subliminar, cujo poder mágico fere cordas remotas e esquecidas. Todas as extensões tecnológicas de nós mesmos são subliminares, entorpecem; de forma ou de outra.

Da mesma forma como Orson Welles facilmente enganou milhares de pessoas com a dramatização sobre a invasão marciana na terra, Billy provocou a reação de milhões de pessoas para a possibilidade do fim da humanidade. É preciso citar que, ao contrário de Billy, Welles divulgou anteriormente que apresentaria tal programa. Contudo, a finalidade de Billy, com o ato, possuiu um caráter positivo, de instaurar a reflexão, ao contrário daquilo que estava vendo e ouvindo ser transmitido pelos meios de comunicação diariamente, entretenimento alienante. Foi dessa maneira que o garoto resolveu criar a sua própria realidade, ou seu próprio *entretenimento*. Roger Waters discute os conteúdos divulgados pela mídia que, segundo ele, exploram a condição humana, levando à construção de uma realidade alternativa a qual, em função de interesses, tem como meta a conversão na própria realidade. Novamente, Waters se refere, a exemplo de Adorno e Horkheimer, ao uso dessas ferramentas, portanto, à prática social. Roger Waters acusa principalmente os governos e as grandes corporações de utilizar a mídia como ferramenta de alienação, pensamento que compactua com as ideias de Habermas (1984, p. 221):

No percurso do jornalismo, de pessoas privadas que escreviam até os serviços públicos dos meios de comunicação de massa, a esfera pública se modifica mediante o de interesses privados, que nela conseguem presentificar-se de modo privilegiado – embora eles não sejam mais, de modo algum *eo ipso* representativos quanto aos interesses das pessoas privadas como público.

Considerações

É bem provável que haverá aqueles que considerem Waters um mero pessimista e outros que compreendam a obra do compositor totalmente às avessas. Talvez a avaliação mais correta a respeito de Waters seja aproximá-lo, por exemplo, ao teórico Pierre Bourdieu (1997), que desejou ser compreendido, não como um perseguidor de jornalistas, mas alguém que teme que um instrumento de democracia como a TV se transforme em uma ferramenta de opressão. O mesmo raciocínio pode ser considerado para o rádio e outras mídias. Quem sabe Roger Waters não quisesse ser tão claro como Bourdieu, deixando que seus ouvintes tirassem suas próprias conclusões, a exemplo do personagem burro Benjamin, da obra de George Orwell, “A Revolução dos Bichos”.

Críticas obviamente mais duras e debates calorosos, certamente, ainda originarão muitas discussões a respeito do futuro das mídias. O modo de se fazer rádio ainda não sofreu mudanças tão drásticas e nem causou nenhuma catástrofe digna de ficção científica. Enquanto se vive, de um lado, um clima de ameaça alarmista, mais ideológica do que prática, de outro se notabiliza, profundamente, uma evolução tecnológica que permite se fazer comunicação em meios diferentes daqueles que a geração dos anos 1980, por exemplo, se acostumou. Ao final de “Four minutes”, Roger Waters encaminha Radio KAOS ao ápice dos seus acontecimentos, através de uma condução de pensamento muito mais filosófico que do que crítico. Na última faixa, “The tide is turning (after live aid)”³⁴, Waters propõe uma reflexão. Após o pânico instaurado na sociedade e o *entretenimento* de Billy concretizado, o garoto drena o poder de sua ilusão e provoca um *blackout*³⁵. Por todo o lado escuro da Terra, velas são acesas. No pub na vila de Billy, no País de Gales, um homem começa a cantar. Os demais homens participam (WATERS, 1987):

[...] Eu costumava pensar que o mundo era plano
Raramente jogava meu chapéu pra multidão

³⁴ Os trechos de “Radio waves”, “Four minutes” e “The tide is turning (after live aid)” utilizados neste artigo são traduções do *site* Whiplash. Para acessar as letras completas de Radio KAOS, ver: “www.whiplash.net”.

³⁵ Apagão.

Achei que tinha usado minha cota de desejos
Costumava olhar as crianças na cama à noite
No brilho da luz do Pato Donald
E me assustar com o pensamento de meus pequeninhos se queimando
Mas oh, oh, oh, a maré está virando
A maré está virando [...]

Levando em consideração a escola frankfurtiana, é correto, ainda, utilizar a denominação *massa*, em plena era da convergência digital? Com o advento das redes sociais e, tomando como exemplo manifestações espalhadas pelo Brasil, em 2013, que se, de um lado, não resultaram nos efeitos desejados, de outro comprovaram que as pessoas podem conectar-se numa situação virtual e formar um laço social praticamente igual da esfera pública grega. Marshall McLuhan (1964) afirmou que os meios podem ser tornar extensões do homem, porém nada substitui o próprio homem: “Os produtos da ciência moderna, em si mesmos, não são bons nem maus: é o modo com que são empregados que determina seu valor”, (McLuhan, 1964, p. 25). Apesar do ceticismo, Roger Waters, no final das contas, tem esperança de que a estrutura plástica e artificial da sociedade, como provoca Barthes, tome um novo rumo. Qual o custo real das tecnologias? É uma pergunta ainda sem resposta. Talvez Waters considere essa mudança de visão quase impossível e precisaria acontecer um milagre para o estabelecimento de uma nova ordem social justa. O personagem Billy poderia ser a metáfora desse milagre?

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1980.

BOURDIE, Pierre. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza, 2009.

EBAH. “**Década 80**”. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfPz8AL/decada-80>>. Acesso em: 26 out. 2014.

FERRI, René. **Pink Floyd – A viagem psicodélica**. São Paulo: Escala, [s. d].

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984

HOINEFF, Nelson. **TV em expansão**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Alph, 2009.

GLOBO.COM. “**Jovem paraplégico usa exoesqueleto e chuta bola na abertura da Copa**”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2014/06/jovem-paraplegico-usa-exoesqueleto-chuta-bola-na-abertura-da-copa.html>>. Acesso em: 24 out. 2014.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002. 130p.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio, a rendição da cultura à tecnologia**. Nobel, 1994.

REG, “The International Roger Waters Fanclub”. **Radio KAOS**. Disponível em: <<http://www.rogerwaters.org/kaos.html>>. Acesso em: 20 out. 2014.

RÜDIGER, Francisco. “**A Escola de Frankfurt**”. In: HOHFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C. et FRANÇA, Vera. (Org.) – **Teorias da Comunicação – conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, Vozes, 2001.

SOUZA, Janara. **Teoria do Meio: Contribuições, limites e desafios**. Universa, 2009.

WATERS, Roger (Pink Floyd). “**Radio KAOS TV interview 1987**”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Al-vW-IMDWo>>. Acesso em: 19 out. 2014.

WATERS, Roger. CBS. **Radio K.A.O.S (1987)**. Special Film. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qWVVwd6qVGY>>. Acesso em: 21 out. 2014.

WATERS, Roger. **Radio KAOS**. Sony Music Entertainment INC. 1987.

WATERS, Roger. **Site Oficial**. Disponível em: <www.rogerwaters.com>. Acesso em: 26 out. 2014.

WEINSTEIN, Deena. Roger Waters: “**Artista do absurdo**”. In: REISCH, George A. **Pink Floyd e a filosofia: Cuidado com esse axioma, Eugene**. São Paulo: Madras, 2010.